

Edi Fonseca

Interações: com olhos de ler

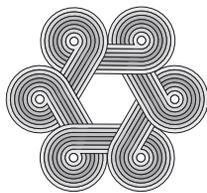
Coleção InterAções



Blucher

Coordenação:
Josca Ailine Baroukh

C O L E Ç Ã O



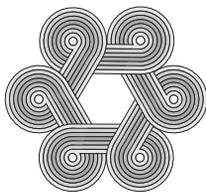
INTERAÇÕES

Interações: com olhos de ler

**Apontamentos sobre a leitura
para a prática do professor
de Educação Infantil**

Blucher

C O L E Ç Ã O



INTERAÇÕES

Edi Fonseca

Interações: com olhos de ler

Apontamentos sobre a leitura
para a prática do professor
de Educação Infantil

Josca Ailine Baroukh
COORDENADORA

Maria Cristina Carapeto Lavrador Alves
ORGANIZADORA

Interações: com olhos de ler

Apontamentos sobre a leitura para a prática do professor de Educação Infantil

© 2012 Edi Fonseca

Editora Edgard Blücher Ltda.

Capa: Alba Mancini

Foto: Josca Ailine Baroukh

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1.245, 4º andar
04531-012 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 (11) 3078-5366
editora@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Ficha catalográfica

Fonseca, Edi

Interações: com olhos de ler, apontamentos sobre a leitura para a prática do professor da educação infantil / Edi Fonseca; Josca Ailine Baroukh, coordenadora; Maria Cristina Carapeto Lavrador Alves, organizadora. -- São Paulo: Blucher, 2012. -- (Coleção Interações)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-0660-0

1. Educação de crianças 2. Leitura - Estudo e ensino 3. Prática de ensino 4. Professores - Formação. I. Baroukh, Josca Ailine. II. Alves, Maria Cristina Carapeto Lavrador. III. Título. IV. Série

12-04835

CDD-372.21

Índices para catálogo sistemático:

1. Apontamentos sobre a leitura para a prática do professor: Educação 372.21

A todas as crianças e aos educadores que conheci e com os quais encontrei pela estrada afora, que me permitiram descobrir ainda mais os caminhos da leitura.

Nota sobre a autora

Edi Fonseca estudou Pedagogia na *Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo* e fez o curso profissionalizante de teatro na *Escola Ewerton de Castro*. Trabalhou como professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Atua em projetos e programas de formação de professores de Educação Infantil e de Ensino Fundamental I, voltados para o trabalho com leitura e escrita e narrativas orais. Já participou de projetos na *Fundação Gol de Letra*, *Fundação Vanzolini*, *Fundação Vitor Civita*, *Instituto Hedging-Griffo* e em Secretarias de Educação de Caieiras, Caraguatatuba, Peruíbe, entre outras. Atualmente participa de projetos no *CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária*, *PLURAL Assessoria e Pesquisa em Educação e Cultura* e *Instituto AVISA LÁ*, onde trabalha há 16 anos. É sócio-coordenadora da *Roda Fiandeira Comunicação e Arte*, onde atua como assessora em Educação e Cultura. Como contadora de histórias, suas narrativas são apresentadas em escolas, eventos culturais, livrarias e empresas.

Agradecimentos

Aos meus pais – iniciadores da minha história.

Ao Ricardo e à Cecília – entusiasmados pela vida, pela leitura e incentivadores incansáveis.

Aos meus irmãos e amigos – companheiros de aventuras.

À Josca Ailine Baroukh – pelo convite e pela parceria.

À Clélia Cortez e Denise Silva – pela atenção e pelas sugestões.

À Adriana Klisys, Celinha Nascimento, Cisele Ortiz, Lucila Silva de Almeida, Silvana Augusto e à Escola Projeto Vida – pela generosidade de socializarem suas práticas.

À Escola Logos e ao Instituto Avisa Lá – pelos anos de ótimas oportunidades de aprendizagem.

Aos educadores e professores da rede Municipal de Caieiras, do CJ e da Creche Cruz de Malta – pelas trocas criativas.

Aos fotógrafos Carolina Andrade e Greg Salibian – pelas imagens perpetuadas e cedidas.

Apresentação

Educar é interagir, é agir **com o outro**, o que acarreta necessariamente a transformação dos sujeitos envolvidos na convivência. Foi esta a ideia que elegemos para nomear a coleção InterAções. Acreditamos que ensinar e aprender são ações de um processo de mão dupla entre sujeitos, que só terá significado e valor quando alunos e professores estiverem questionando, refletindo, refazendo, ouvindo, falando, agindo, observando, acolhendo e crescendo juntos.

Com base nessa premissa, convidamos autores e professores. Professores que conhecem o chão da sala de aula, que passam pelas angústias das escolhas para qualificar as aprendizagens das crianças, seus alunos. Professores que, em sua grande maioria, também são coordenadores de formação de grupos de professores, conversam com professores e, portanto, conhecem o que os aflige.

A esses autores, pedimos que estabelecessem um diálogo escrito sobre temas inquietantes em suas áreas de atuação. Temas que geram muitas dúvidas sobre o que, como e quando ensinar e avaliar. Temas recorrentes que, se abordados do ponto de vista de novos paradigmas educacionais, podem contribuir para a ação, reflexão e inovação das práticas de professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I.

Apresentamos nesta coleção situações de interação entre professores e crianças: exemplos, sugestões pedagógicas e reflexões. Pontos de partida para o professor repensar sua prática e proporcionar aos seus alunos oportunidades de se sentirem e de serem protagonistas de suas aprendizagens. Acreditamos ser importante que o professor questione sua rotina e construa um olhar apurado sobre as relações cotidianas. Estranhar o natural

estimula a criatividade, a inovação, o agir. E assim, é possível ir além do que já se propôs no ensino desses temas até o momento.

Nosso intuito é compartilhar as descobertas geradas pelo movimento de pesquisa, reflexão e organização do conhecimento na escrita dos autores. E proporcionar ao professor leitor a experiência de um “olhar estrangeiro”, de viajante que se deslumbra com tudo e que guarda em sua memória os momentos marcantes, que passam a fazer parte dele. Queremos animar em nosso leitor a escuta atenta e estimular suas competências técnicas, estéticas, éticas e políticas, como tão bem explica Terezinha Azeredo Rios.

Em meio às dificuldades de ser professor na contemporaneidade, os profissionais da educação persistem na criação de planejamentos e ações que promovam as aprendizagens de seus alunos. Aos desafios, eles apresentam opções e são criativos. É para esses profissionais, professores brasileiros, e para seus alunos que dedicamos nossa coleção.

Boa leitura!

Josca Ailine Baroukh

Sumário

Leitura, como te quero	13
1 Livros e mais livros	15
Acesso à leitura como possibilidade de cidadania.....	16
Livro como objeto da nossa cultura atual – livros-objeto	17
Histórias e mais histórias – Literatura é a porta de entrada das crianças para a leitura	20
Leitura, informação e conhecimento	24
2 Leitura na Educação Infantil	27
Ler para quê? Propósitos e comportamentos leitores e o professor como modelo de leitor.....	28
O professor e as leituras saborosas.....	33
3 Tempos para a leitura – Modalidades organizativas	39
Atividades permanentes.....	41
Sequências didáticas	61
Projetos didáticos	71
Atividades ocasionais.....	87

4	Temperos para os tempos de leitura	89
	Critérios de escolha de livros para a formação de um acervo para a Educação infantil.....	89
	Espaços para ler	99
	Materiais e recursos.....	113
5	Contar histórias	137
	Por que contar histórias?.....	137
	Abre a roda tindoletê – Orientações para contar histórias.....	139
	Ler é diferente de contar.....	147
6	Dez novas perguntas antigas para sacudir o esqueleto	153
7	E não “acabou-se o que era doce” – Considerações Finais	165
8	Sugestão de leitura	167
	Referências Bibliográficas	181

Leitura, como te quero

É por meio da leitura que as pessoas podem ter acesso ao legado cultural da humanidade, construído ao longo dos anos. E isso é maravilhoso! Tudo (mas tudo mesmo) que quisermos saber sobre qualquer área do conhecimento é possível de ser encontrado, aprendido e estudado por meio da leitura. Se quisermos saber algo sobre a Astronomia no séc. XVII, se quisermos conhecer melhor a culinária das diversas culturas indígenas do Brasil, ou, ainda, saber mais sobre a origem do teatro – todos estes desejos ligados ao conhecimento e tantos outros poderão ser saciados por meio da leitura. Sim, porque ao longo dos séculos a humanidade foi acumulando conhecimento, transmitindo o que aprendeu de geração a geração.

Inicialmente, isso foi feito oralmente, depois com o auxílio dos desenhos até chegarmos à escrita. Nem todos tinham acesso aos escritos e, para produzi-los e reproduzi-los, havia muita dificuldade! Imagine alguém que precisava matar um animal, deixar secar sua pele para fazer um pergaminho, produzir tinta com sangue e outros componentes naturais para poder escrever um documento, ou esculpir em um bloco de pedra, ou ainda fabricar o próprio papel e copiar à mão livros e mais livros! Mas, depois de a humanidade passar por tudo isso, finalmente a imprensa foi inventada e, dessa forma, um único livro, que levava dias e mais dias para ficar pronto, agora cedia seu lugar a muitos e muitos livros produzidos rapidamente. Esse desenvolvimento até chegarmos à imprensa levou séculos e mais séculos para

acontecer. O que se pensou com a chegada dessa invenção pode ter sido: “Agora o acesso à leitura será para todos!”.

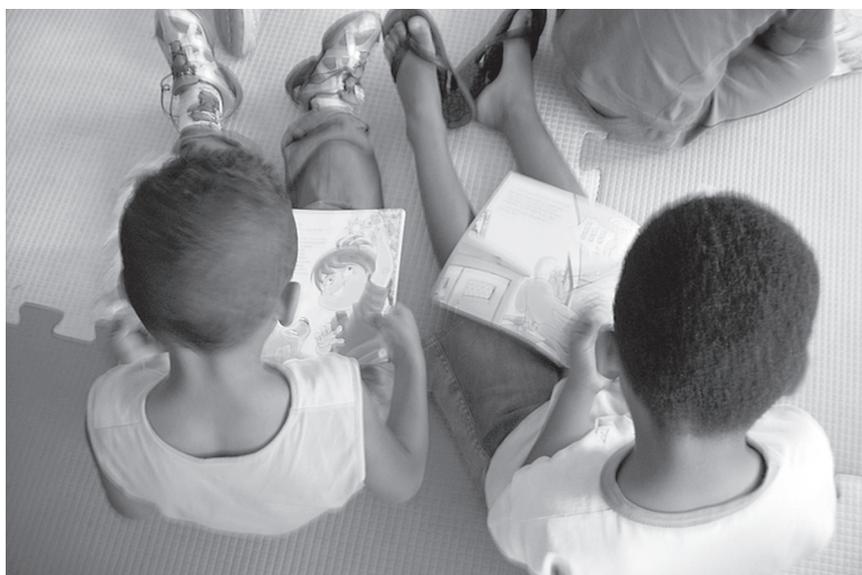
Mas não é bem isso que podemos observar até os dias de hoje. Infelizmente, ainda encontramos muitas pessoas que não têm acesso a livros.

Hoje em dia, existem vários projetos voltados para o incentivo à leitura, muitos livros são doados pelo governo, por empresas e suas fundações, ONGs e, além disso, há um grande movimento para que os professores de todo país participem de cursos e encontros de formação continuada que abordem este assunto tão importante. Por quê? Para que possamos reverter esse quadro.

A leitura na Educação Infantil tem um papel fundamental na vida de uma pessoa. Nessa fase, a criança descobre o mundo que a cerca e observa com cuidado e curiosidade tudo e todos que estão à sua volta. Então, o que podemos fazer para aproximar as crianças dos livros? Para que ler se torne um hábito prazeroso para elas? Para “contaminá-las” com o vírus da leitura, como desejava José Mindlin¹? Este é o tema do nosso livro.

¹ José Ephem Mindlin nasceu em oito de setembro de 1914. Formou-se em 1936 em Direito pela Universidade de São Paulo. Advogado, empresário, amante da leitura e bibliófilo. Morreu em 28 de fevereiro de 2010.

1 Livros e mais livros



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Acesso à leitura como possibilidade de cidadania

Certamente você já viu algum filme que mostra alguém decifrando um código e, com isso, tendo acesso a um cofre, por exemplo. Será que você já se deu conta de que com a leitura ocorre a mesma coisa? Trata-se de um código, um sistema de representação que, uma vez decifrado e compreendido, nos dá acesso a riquezas ainda maiores que as de um cofre.

Seja para tomar um ônibus, preparar uma receita, consultar a bula de um remédio, assinar um contrato ou defender uma tese de doutorado, ler nos oferece independência e autonomia. Os motivos para ler são muitos: prazer, necessidade, aprendizado, reflexão, para obter informação ou para realizar algo. Em todos esses casos, a pessoa que lê consegue realizar sua tarefa com mais qualidade.

Anúncios de emprego estão nos jornais, nos murais; boas ofertas aparecem nos anúncios publicitários ou mesmo nas gôndolas dos supermercados; um tratamento médico exige a leitura atenta das orientações do médico, sob pena de causar outros problemas de saúde; uma carta pode ser a diferença entre um amor perdido e o “felizes para sempre”; o uso adequado e otimizado de um equipamento demanda tempo para esmiuçar o manual de instruções e assim por diante. Quem lê tem acesso a informações “privilegiadas” e sai na frente em qualquer disputa, pois vivemos em um mundo letrado.

Faz-se necessário diferenciar quem apenas decodifica o alfabeto de quem lê efetivamente. A fluência na compreensão de um texto traz um diferencial para o indivíduo: é a diferença entre letramento e alfabetização. O sujeito letrado é aquele que, além de saber ler e escrever, faz uso competente da leitura e da escrita. E a habilidade em um nível satisfatório só se atinge com o hábito e com o (re)conhecimento e uso de uma grande variedade de gêneros.

O processo reflexivo disparado pela leitura e seu aprendizado nos permite compreender melhor uma situação e, assim, usufruir dos nossos direitos em sua totalidade, lutar por condições melhores e agir para modificar nossa realidade. Quantas vezes nos deparamos com dúvidas diante das infinitas decisões diárias que

temos que tomar? É nesse ponto que a condição de compreender textos vai nos colocar em perspectiva, com capacidade plena de atuação ou em situação de desvantagem.

Revelo agora a senha do cofre: LEIA MUITO!

Livro como objeto da nossa cultura atual – livros-objeto

A vida está pulsando ali. O livro faz parte da casa, da comida, da experiência, da maternidade, do cotidiano.

PRADO, 2002

Tenho amigos cuja companhia me é extremamente agradável: são de todas as idades e vêm de todos os países. Eles se distinguiram tanto nos escritórios quanto nos campos, e obtiveram altas honrarias por seu conhecimento nas ciências. É fácil ter acesso a eles: estão sempre à disposição, e eu os admito em minha companhia, e os despeço, quando bem entendo. Nunca dão problemas, e respondem prontamente a qualquer pergunta que faço. Alguns me contam histórias de eras passadas, enquanto outros me revelam os segredos da natureza. Alguns, pela vivacidade, levam embora minhas preocupações e estimulam meu espírito, enquanto outros fortificam minha mente e me ensinam a importante lição de refrear meus desejos e de depender só de mim. Eles abrem, em resumo, as várias avenidas de todas as artes e ciências, e eu confio em suas informações inteiramente, em todas as emergências. Em troca de todos esses serviços, apenas pedem que eu os acomode em algum canto de minha humilde morada, onde possam repousar em paz – pois esses amigos deleitam-se mais com a tranquilidade da solidão do que com os tumultos da sociedade.

PETRARCA, 2004

O prazer que o livro pode trazer tem múltiplos aspectos. [...] O livro informa, distrai, enriquece o espírito, põe a imaginação em movimento, provoca tanto reflexão quanto emoção; é, enfim, um grande companheiro.

Companheiro ideal, aliás, pois está sempre à disposição, não cria problemas, não se ofende quando é esquecido, e se deixa retomar sem histórias, a qualquer hora do dia ou da noite que o leitor deseje.

MINDLIN, 2004

A necessidade de registrar e transmitir informações e conhecimentos existe desde o surgimento da humanidade. Na antiguidade o homem usava pedras, tintas vegetais e minerais, argila e outros materiais orgânicos e inorgânicos em suportes como paredes de cavernas e troncos de árvores. Pouco a pouco, foram surgindo o papiro, o pergaminho, o papel... e agora, os *e-books*.

O livro transmite para quem o carrega uma imagem de conhecimento, de saber. Seja um adolescente, que passa um tempo juntando dinheiro e um dia sai orgulhoso de uma livraria com suas novas aquisições, seja uma criança que olha admirada para as páginas de um livro mesmo antes de saber ler, um solitário que faz do livro sua companhia ou um pai analfabeto que compra uma coleção para seus filhos – ele não sabe ler convencionalmente, mas sabe que ler é importante. O livro nos empresta uma imagem de cultura, conhecimento, respeitabilidade.

José Mindlin era tão apaixonado pela leitura e pelos livros que se tornou um colecionador que durante anos e anos garimpou exemplares raros. Com sua morte, deixou-nos como herança parte de sua biblioteca: *Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin*. Ricardo Azevedo e Lygia Bojunga Nunes, antes mesmo de saberem ler e muito antes de se tornarem escritores famosos, brincavam com os livros construindo casas, castelos, torres, escadas e pontes. São muitos os exemplos que nos mostram que, para alguns, o livro constitui um objeto de desejo.

Se por volta de 1440 o alemão Johannes Gutenberg mudou o mundo ao criar a prensa móvel, tornando possível a produção massificada de livros, atualmente estamos presenciando uma nova revolução, com o surgimento de *smartphones*, *players*, *e-readers* e uma infinidade de equipamentos que funcionam tanto como armazenadores de conteúdo quanto como suporte para consumo.

O crescimento econômico do Brasil na última década e a boa perspectiva para os próximos anos se reflete também no mercado editorial. Pouco a pouco os livreiros vão percebendo que seus produtos também podem ser objetos de desejo da população como um todo, e não apenas de alguns “privilegiados”. O cenário não é perfeito, mas são mais títulos a cada ano, novos cursos na área editorial, prêmios, profissionalização das equipes

de editores e uma preocupação crescente com a qualidade do produto. De forma enviesada, o livro vai ganhando adeptos e angariando admiradores e usuários. Enviesada porque, assim como muitas pessoas compram um produto apenas pela embalagem, agora mais pessoas passam a ler em função dos novos suportes.

Na era da comunicação eletrônica, o livro não morrerá, mas sua alma se libertará do seu corpo (MACLUHAN, 1977).

Em uma sociedade impregnada pelo consumismo, em que quase ninguém quer ficar para trás, sem ter os últimos modelos de *netbooks*, celulares, *videogames*, mp3, GPS, TVs móveis, gravadores, HDs, CDs, DVDs, *pen-drives*, câmeras digitais, filmadoras, *tablets*, *scanners*, impressoras etc., quem sabe Camões, Jorge Amado, Monteiro Lobato, Nelson Rodrigues, Drummond, Saramago, Dostoiévski, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Euclides da Cunha, Fernando Pessoa, Shakespeare, Miguel de Cervantes, Mário de Andrade, Érico Veríssimo, Agatha Christie, Gabriel Garcia Márquez, Guimarães Rosa, Tolstói, Cecília Meirelles, George Orwell, Machado de Assis, Homero, Vinícius de Moraes, Flaubert, Proust, entre outros, também não se tornem objeto de desejo e disputa entre os consumidores-cidadãos?

Pode ser sonho ou viagem, mas não é exatamente isso que um livro faz conosco?

Em busca do tempo perdido, caminharemos **rumo ao farol**. Foram mais de **cem anos de solidão** entre **idades invisíveis** e agora, finalmente **o século das luzes** se aproximava. **A cidade e as serras** ficaram para trás; **o contrato social** seria estabelecido conforme **a origem das espécies** e **a condição humana**, dando início a um **admirável mundo novo**.

Era o fim de tanta **guerra e paz**, **crime e castigo**, **orgulho e preconceito**. **O homem sem qualidades**, um quase **Macu-**

naíma, deixaria **a idade da inocência** e atingiria **o século das luzes**. A **primavera silenciosa** daria início à **sociedade da abundância** e tudo isso só seria possível com a leitura.

Antes não havia **nada de novo no front**, **o fogo morto**, e de repente, **o perfume**, **o paraíso perdido**, verdadeiras **espumas flutuantes**. Finalmente chegara **a hora da estrela** e **a vida como ela é** passaria a ser como sempre desejamos que fosse. O local escolhido para isso foi **a montanha mágica**, **à beira do abismo**, onde **o sol nasce sempre**. **O processo** certamente seria cheio de **som e fúria**, uma verdadeira **odisseia**, mas nos levaria a **mundos paralelos**, cheios de **obras poéticas** e **histórias extraordinárias**. Faça sua escolha, pegue o que mais agradar; pode ser **o livro vermelho**, **o caderno dourado** ou qualquer outro que te leve por uma **longa jornada noite adentro**. (GALHARDO, Ricardo Roca. – texto escrito especialmente para este livro.)

Histórias e mais histórias – Literatura é a porta de entrada das crianças para a leitura

A literatura é, sem dúvida, uma das expressões mais significativas dessa *ânsia permanente de saber* e de *domínio sobre a vida*, que caracteriza o homem de todas as épocas. Ânasia que permanece latente nas narrativas populares legadas pelo passado remoto. Fábulas, apólogos, parábolas, contos exemplares, mitos, lendas, sagas, contos jocosos, romances, contos maravilhosos, contos de fadas... fazem parte dessa heterogênea matéria narrativa que está na origem das literaturas modernas e guarda um determinado saber fundamental.

Todas essas formas de narrar pertencem ao caudal de narrativas nascidas entre os povos da Antiguidade, que, fundidas, confundidas, transformadas... se espalharam por toda parte e permanecem até hoje como uma rede, cobrindo todas as regiões do globo: o caudal de *literatura folclórica*

e de *velhos textos novelescos* que, apesar de terem origens comuns, assumem em cada nação um caráter diferente.”
(COELHO, 1991)

Desde os tempos mais remotos a humanidade sentiu necessidade de narrar os fatos ocorridos no seu dia a dia e de narrar também os acontecimentos que ainda não compreendiam. “Os homens inventaram as histórias para não sentir medo” disse Carles Garcia no documentário *Histórias*, dirigido por Paulo Siqueira em 2005 – Prefeitura do Município do Rio de Janeiro e SESC RJ.

E ainda é assim, narramos para não termos medo da violência, dos desafios, dos mistérios, dos ciclos de desenvolvimento da vida, das partidas, dos novos encontros, do envelhecimento, do parto, do nascimento, do casamento, do rompimento, das descobertas, do que fazemos com as descobertas, do que destruimos com as descobertas. Narramos para compreender a vida, para guardar na memória, para deixar gravado, para nos entendermos mais e melhor, para sonhar, para nos mantermos vivos, para vir a ser.

As histórias narram o que é genuinamente humano. Elas falam de nós mesmos. Por isso precisamos tanto delas. As histórias da literatura, antes de estarem nos livros, um dia foram entoadas, cantadas, dançadas, declamadas. Os homens passavam por uma tempestade com raios, trovões, ventos fortes e não sabiam explicar a razão de tais acontecimentos na natureza e outros tantos que assistiam com horror e desconhecimento. Era assustador não compreender aquilo tudo. Eles também queriam contar que tinham vencido o inimigo, que tinham abatido a caça, que resistiram ao frio intenso e assim, com a enorme necessidade de comunicar tudo aos seus semelhantes, criaram condições para isso, por meio de gritos, gestos, danças e desenhos. Dessa forma conseguiram registrar, guardar e transmitir aos seus parceiros os acontecimentos vividos, observados, e todo o conhecimento adquirido ao longo do tempo.

A linguagem oral surgiu muito antes da escrita e foi por meio da oralidade que a humanidade guardou na memória os saberes e

as histórias dos grupos sociais e culturais. Além disso, as histórias nos fazem sonhar, imaginar – ações necessárias para o equilíbrio interno de uma pessoa. Como diz Antonio Candido, professor e crítico literário, no vídeo *Palavra de leitor*, dirigido por Celso Maldos – FDE 1990:

“O cidadão deve ser também um homem que consegue ter o seu equilíbrio interior. Para alguém ter equilíbrio interior é preciso dosar muito sabiamente a proporção de real e a proporção de fantasia que fazem parte da existência de cada um de nós e a literatura é a forma mais alta e a mais sistematizada de elaboração da fantasia. Portanto, a literatura se torna uma auxiliar fundamental para a vida harmoniosa.”

A cultura dos aborígenes australianos acredita que as histórias pertencem ao mundo dos sonhos. O sonho e o desejo movem o ser humano.

Com os novos hábitos trazidos pela modernidade, pelo desenvolvimento da tecnologia e pela correria das cidades, buscamos outros meios para narrar. Narramos por escrito com os livros, jornais, revistas, *blogs*, *sites*, narramos dramatizando com o cinema, teatro, televisão, vídeos no *youtube*, filmes de curta metragem. Por que ainda temos a necessidade das narrativas? As histórias falam do que é humano e nos transportam para o mundo da fantasia, onde tudo pode acontecer. Identificamos-nos com personagens, com seus dramas e impasses. Torcemos pelos mocinhos, heróis e anti-heróis e ficamos contra os malvados e bandidos. Sentimos angústia diante das indecisões, aflição com as dificuldades, alegria com as realizações e conquistas. Reconhecemo-nos, compreendemos melhor o que se mostra de forma distanciada, pois somos os expectadores, leitores e ouvintes. Por meio das histórias aprendemos a entender o mundo, as relações, as diferentes culturas, a reorganizar nossos sentimentos e emoções. As histórias nos constituem humanos, nos formam como pessoas, nos fazem pertencer a este ou aquele grupo, nos fortalecem, nos encorajam, nos fazem refletir sobre nossos jeitos de ser e de agir.

Em seu livro *Acordais – Fundamentos teórico-poéticos sobre a arte de contar histórias*, Regina Machado (2004), conta-

dora de histórias, escritora e professora universitária, fala para onde somos transportados pelo poder das narrativas:

Este “lá” para onde a pessoa se transporta é o lugar da imaginação enquanto possibilidade criadora e integrativa do homem. Quando experimento estar dentro da história, experimento a integridade individual de alguém que não está nem no passado, nem no futuro, mas no instante do agora, onde encontro em mim não o que fui ou o que serei, mas a minha inteireza no lugar onde a norma e a regra – enquanto coerção da exterioridade do mundo – não chegam. Onde eu sou rei ou rainha do reino virtual das possibilidades, o reino da imaginação criadora. Nesse lugar encontro não o que devo, mas o que posso; portanto, entro em contato com a possibilidade de afirmação do poder criador humano, configurado em constelações de imagens.

Além das histórias milenares, também temos as narrativas pessoais. Nossas histórias de vida, carregadas de sensações, sentimentos, de passagens alegres, tristes, vitoriosas, frustrantes, modificadas em seus detalhes para ficarem mais divertidas, para ganharem mais emoção. Histórias de nossos antepassados (os quais muitas vezes nem chegamos a conhecer), e que estávamos longe de viver, mas das quais nos sentimos parte. Elas são nossas histórias e fazem parte da construção de nossa identidade, explicam de onde viemos, quem somos, em que acreditamos, como vivemos.

Portanto, faz muito sentido pensarmos a literatura como porta de entrada para a leitura das crianças. As histórias abordam situações muito próximas de seu cotidiano, falam de famílias, diferentes culturas e épocas, dos sentimentos, das relações, alimentam a imaginação e a fantasia, e contribuem com a socialização. Além disso, durante parte da infância as crianças buscam saber o que faz parte da realidade e o que é ficção. Sem dúvida estes são conceitos difíceis, porém as histórias as ajudam a compreendê-

-los. Fornecem elementos para ampliação de seu conhecimento literário, social, histórico e cultural.

As histórias alimentam as brincadeiras de faz de conta das crianças, pois ampliam enredos, conflitos, personagens, cenários e desfechos. E, como num passe de mágica, as crianças viram reis, rainhas, dragões, cavaleiros, animais falantes, fadas, magos, bruxas, feiticeiros, heróis e heroínas, com escudos, coroas, poções mágicas, feitiços e poderes. Personagens que ganham vida e contexto nas brincadeiras infantis baseadas no vasto repertório do “era uma vez”.

A convivência com a literatura possibilita que a criança conheça o uso especial da palavra que oferece oportunidade de o mundo real tornar-se mágico, de poder brincar no mundo do faz de conta que relaciona a realidade e a imaginação.

Diante do que foi posto até agora, só podemos dizer: Bem-vindas, histórias e mais histórias! Sintam-se à vontade!

Leitura, informação e conhecimento

Na Educação Infantil os momentos de leitura não devem ser restritos apenas à literatura. As crianças são muito observadoras, formulam boas perguntas, relacionam o conhecimento que já possuem com novas informações, levantam hipóteses, fazem comparações e são muito capazes de compreender as leituras de textos informativos. As situações podem ser variadas: ler para obter uma informação específica, para saber mais sobre um assunto ou porque surge uma curiosidade.

Na história da humanidade, as pessoas se perguntaram sobre a origem do universo, dos animais, as transformações da natureza, as reações entre os elementos e tantas outras questões ligadas à compreensão do mundo, para vencer dificuldades e criar melhores condições de vida. Assim também acontece com a criança, que, ao observar o mundo com curiosidade, faz perguntas para entender tudo o que está ao seu redor: Por que a Lua nos segue? De onde vieram as estrelas? Quem inventou a roda? Como funciona uma bomba d’água? Como as pessoas viviam sem geladeira?

Por que o milho vira pipoca? Como nascem as tartarugas? Por que os peixes respiram o tempo todo debaixo d'água? O que é propriedade? Por que na Inglaterra existe uma rainha e no Brasil não? Por que os índios não são presos por andarem nus?

A escrita tem, entre outras finalidades, a de registrar o conhecimento adquirido pela humanidade ao longo do tempo e socializá-lo. Ter acesso aos textos informativos desde cedo possibilita que as crianças aprendam como podemos adquirir determinadas informações e conhecimentos. Isso significa saber a quais fontes recorrer, quais materiais buscar, o que selecionar, relacionar conteúdos, levantar novas questões a partir das novas informações e tantos outros procedimentos de um leitor competente.

A leitura é uma fonte de onde podemos beber para ampliar nossos conhecimentos. Fonte inesgotável com muitos suportes: dicionários, enciclopédias, revistas, folhetos explicativos, livros paradidáticos, jornal, internet, coleções.

Algumas pessoas podem pensar que os textos informativos são muito complicados e difíceis para a compreensão das crianças pequenas. Mas o que sabemos é que se faz necessário, e urgente, transformar práticas tradicionais em propostas mais interessantes e inteligentes que permitam à criança a construção de seu conhecimento de uma forma mais participativa e enriquecedora. ■